

A Estética na Legenda dos Três Companheiros *The aesthetics of the legend of the three companions*

Mateus Venâncio Lopes Souza¹, Denise Abrão Nachif²

RESUMO - Este artigo verifica o texto medieval “Legenda dos Três Companheiros”, numa perspectiva estética. Essa abordagem se dá pela dimensão plural e complexa da obra, sendo ela uma fonte inesgotável de análise. O foco recai sobre a História e a Estética de Francisco de Assis, ícone representante dos séculos XII-XIII na proposta da reforma religiosa e social, na tradução da estética do despojamento e fraternidade. As contribuições de Bezerra (2011), Felder (1953), Fresneda (2005), Gomes (2008), Le Goff (2012), Merino (2005), Teixeira (2008), Uribe (1997), Vázquez (1999) entre outros autores compõem o referencial teórico do presente trabalho. Cumpre ressaltar que documentos como Fontes Franciscanas e Clarianas (2008) e artigos científicos foram utilizados como arcabouços para a discussão da Estética e da Escola do pensamento franciscano. No tocante à vida de Francisco, o recorte selecionado encontra-se pautado no registro dos seus principais momentos, a saber: o leproso, a Cruz de São Damião, a pobreza e os estigmas. Como considerações finais, constata-se no itinerário da vida de Francisco uma verdadeira mudança de valores estéticos permeados pela vivência, propiciando um novo significado às suas relações com Deus, homem e natureza.

Palavras-chave: Estética Franciscana; Francisco de Assis; Idade Média; Legenda dos Três Companheiros.

ABSTRACT - This article verifies the medieval text "Legend of the Three Companions", in an aesthetic perspective. This approach is due to the plural and complex dimension of the work, being an inexhaustible source of analysis. The focus is on the History and Aesthetics of Francisco de Assis, representative icon of the XII-XIII centuries in the proposal of religious and social reform, in the translation of the aesthetics of stripping and fraternity. The contributions of Bezerra (2011), Felder (1953), Fresneda (2005), Gomes (2008), Le Goff (2012), Merino (2005), Teixeira (2008), Uribe (1997), Vázquez among the authors make up the theoretical reference of the present work. It should be noted that documents such as Franciscan Sources and Clarianas (2008) and scientific articles were used as frameworks for the discussion of Aesthetics and the School of Franciscan thought. Regarding the life of Francis, the selected clipping is based on the record of his main moments, namely: the leper, the Cross of San Damiano, poverty and stigmata. As final considerations, we find in the itinerary of the life of Francis a true change of aesthetic values permeated by the experience, giving a new meaning to his relations with God, man and nature.

Keywords: Franciscan aesthetic; Francisco of Assisi; Middle Age; Legend of the Three Companions.

Recebido em 10/06/2021; aceito em 20/07/2021 e publicado em 18/09/2021

¹Graduado em Filosofia. Especialista em Espiritualidade Franciscana. Bacharel em Teologia (em andamento). Aluno Especial do Programa de Pós-graduação do Mestrado e Doutorado em Educação – UCDB. E-mail: mateusvenanciocap@gmail.com

² Graduada em Educação Artística com bacharelado e licenciatura em Artes Visuais, Música e Artes Cênicas pela Faculdade de Comunicação e Artes Universidade Mackenzie, SP, 1981. Mestre em Educação no objeto de estudo formação do arte educador na contemporaneidade pela Universidade Católica Dom Bosco, CG/MS, 2004 (Bolsista UCDB). Doutora em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente na pesquisa dos processos culturais sustentáveis pela Universidade UNIDERP, CG/MS, 2017 (Bolsista CAPES- MEC). E-mail: denisenachif@ucdb.br

RBFH ISSN 2447-5076 (Pombal – PB, Brasil), v. 10, n. 1, p. 67-83, jan. - jun., 2021

<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RBFH>

1. INTRODUÇÃO

A vida de Francisco de Assis teve fundamental importância e significado para a sociedade cristã católica e o mundo desde a Idade Média. Nesse sentido, ao longo dos oito séculos após a sua morte, a relevância de Francisco continua essencial, principalmente na maneira de enxergar a beleza do mundo e do homem.

Na Baixa Idade Média (entre os séculos XI e XIV), a ideia de beleza estava intimamente relacionada à majestade de Deus e sua ação criadora no mundo. Francisco amplia essa visão, sobretudo, em relação ao homem necessitado e carente, estereotipado como pecador e símbolo de imperfeição. Tais realidades foram acolhidas e interpretadas por Francisco a partir de uma sensibilidade fraterna, visualizando o ser humano e a natureza como reflexos da beleza do Criador.

A Legenda dos Três Companheiros é uma obra considerada como componente do rol das principais fontes sobre a vida de Francisco de Assis, bem como está envolvida em grandes discussões a respeito da sua autoria e autenticidade. Nota-se, por meio de uma leitura analítica, que a obra em tela é fruto dos escritos de Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo – estes estão entre os primeiros seguidores de Francisco. Nesse contexto, em 1244, Frei Crescêncio, Ministro Geral dos Franciscanos, ordenou a todos os frades conhecedores da vida de São Francisco de Assis que enviassem a ele seus escritos.

O documento Legenda dos Três Companheiros (2008) realiza contínua referência à cidade de Assis e seus arredores, apresentando Francisco e seus contemporâneos. Dessa maneira, faz-se necessário compreender o espaço geográfico, assim como os personagens da época, para oferecer subsídios à leitura estética do documento. Vale destacar que no período Medieval os escritos eram veículos importantes de propagação de teorias filosóficas e teológicas. Logo, sempre escritos com um objetivo específico.

Neste estudo analisa-se não o santo³, mas o homem⁴, que a partir de seu itinerário de vida relaciona-se com diversos objetos estéticos. Por isso, as contribuições teóricas de Vázquez⁵ (1999), de Le Goff⁶ (2012), assim como do documento Legenda dos Três Companheiros, presente nas Fontes Franciscanas e Clarianas (2008) entre outras obras são seminais para a análise em questão. Por fim, há o destaque e as reflexões acerca dos quatro pontos fundamentais na vida de Francisco: o encontro com o leproso,

³ Como um ideal que se refere a uma ideia e não a uma realidade empírica. Modelo perfeito que se postula como guia ou orientação para uma determinada conduta ou ação: ideal ético. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 98).

⁴ Real (lat. medieval *realis*, de *res*: coisa) 1. Que existe, que diz respeito às coisas, aos fatos. Oposto a fictício, ilusório, aparente. Ex.: poder real, ameaça real. Que pode ser objeto de nossa experiência, de nosso conhecimento. Oposto a imaginário. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 163).

⁵ Adolfo Sanchez Vázquez nasceu em Algeciras, Cádiz, em 1915. Em 1935, ele começou a estudar Filosofia na Universidade Central de Madrid. Recebeu a distinção "Alfonso X, o Sábio", concedido pelo Rei da Espanha, e o Prêmio Nacional da Universidade na área de Humanidades Research. Também foi reconhecido como professor emérito da Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM.

⁶ Jacques Le Goff nasceu em Toulon, no dia 01 de janeiro de 1924. Foi Historiador e especialista em Idade Média.

a cruz de São Damião, a opção pela pobreza e os estigmas. Dessa forma, neste artigo, será discutido a ressignificação da relação de Francisco com o homem, a natureza e com Deus.

2. FRANCISCO DE ASSIS

A Legenda dos Três Companheiros apresenta três características em Francisco, a pureza de costumes, o desprezo pelos bens materiais e o espírito cavaleiresco. Os primeiros companheiros relatam a mudança verificada na vida do mestre, porém essas qualidades já estavam presentes em Francisco antes da transformação. A mudança de vocação, de cavaleiro para pauperista⁷, está intimamente ligada a uma total transformação interior na pessoa de Francisco. Os Três Companheiros demonstram essa transformação com abundância de detalhes.

Nos primeiros capítulos desta hagiografia, há o registro do nascimento de Francisco, seus primeiros anos de vida, os sonhos, a vida liberal de jovem e como ocorreu sua conversão.

2.1 Vida e obra

Francisco nasceu na cidade de Assis, região da Úmbria, entre os anos de 1181-1182 – não se sabe a data exata de seu nascimento. Seus pais Pedro Bernardone e Dona Pica Bernardone.

⁷ Grupos ou indivíduos que tinham a pobreza extrema como modelo de vida. Movimento forte nos séculos XII-XIII.

A Legenda dos Três Companheiros aponta que, quando nasceu, Francisco teria sido chamado por sua mãe pelo nome de João. Contudo, seu pai, que estava na França à trabalho, voltando à Assis, teria trocado seu nome para Francisco.

Segundo os hagiógrafos⁸, logo cedo, o garoto Francisco aprendeu com o pai a arte do comércio, executando-a com muita esperteza e proveito. Na juventude, era alegre, apaixonado pela música e pelas festas. Afortunado, entretanto não pertencia à nobreza, tornou-se rapidamente um ídolo entre seus amigos. Adorava banquetes, festas e cantar serenatas para as damas de sua cidade. Nesse contexto, Francisco tornara-se o líder dos jovens de sua cidade.

Francisco viveu na cidade de Assis e em seus arredores, “lugar cheio de silêncio e de ruído, de luz e de sombra, agrícola e mercante, lugar de povo simples e profundo, tranquilo, mas às vezes valente, povo sintonizado com a natureza” (LE GOFF, 2012. p. 44). Este lugar está em uma Itália dilacerada entre o Papa e o Imperador, com cidades voltadas umas contra as outras, com presença crescente de hereges e com o peso das cruzadas.

Uribe (1997) afirma que, depois de Francisco participar de uma das principais guerras entre Perugia e Assis, ele teria passado por um processo de conversão, trocando o luxo e a riqueza pela pobreza. Le Goff (2012) apresenta cronologicamente que, em 1206, aconteceu a conversão de Francisco, marcada pelo encontro

⁸ Autor de biografias de santos.

com o leproso, pelo crucifixo em São Damião e pela renúncia aos bens paternos. Em 1210, Francisco fundou a ordem religiosa ícone de renovação da Igreja e da sociedade. É importante dizer que obteve do Papa Inocência III a aprovação verbal para sua forma de vida. E, em 1226, Francisco faleceu na Igrejinha da Porciúncula com a marca dos estigmas em seu corpo.

Dentre tantos textos hagiográficos e biográficos a respeito de Francisco de Assis, destaca-se a “Legenda dos Três Companheiros” por ser considerada cronologicamente o escrito mais próximo de Francisco. Mesmo rodeada de discussões sobre sua autoria e autenticidade, tornou-se um dos principais textos utilizados pelos franciscanos. Esse texto é fruto dos escritos de Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo, alguns dos primeiros seguidores de Francisco. Estudos críticos não deixam dúvidas de que a carta é autêntica:

De fato, os autores da carta afirmam que a matéria que eles estão enviando ao ministro geral não foi escrita a modo de legenda, mas de florilégios. Observa-se que legenda, na literatura hagiográfica medieval, significa uma narração da vida de um santo segundo a ordem cronológica; florilégio é uma coletânea de episódios colhidos sem ordem cronológica. A LTC, porém, tem as características de uma legenda e não de florilégios, pois dispõe os dados em sequência cronológica (TEIXEIRA, 2008, p. 39).

A partir de anotações pessoais denominadas florilégios, destes três

companheiros de Francisco, organiza-se o conjunto de escritos que formam a Legenda dos Três Companheiros criada no século XIII.

Questiona-se ser um texto tardio, porém, justificável, por ser constituído de escritos pessoais, sem intenção de publicação, assumindo um caráter de diário e por ter sofrido as consequências do capítulo de Paris (1266). Este capítulo é uma assembleia institucionalizada, que reuniu membros em seus diferentes níveis para abordar questões jurídicas e canônicas relacionadas à forma de vida proposta por Francisco (CAROLI, 1993).

Nessa assembleia, foi confiado a São Boaventura o cuidado de registrar a vida oficial de São Francisco. Em 1266, a decisão superior proibiu os frades tomar conhecimento de qualquer outro tipo de leitura, obra ou relato sobre a vida de Francisco e que todos os escritos anteriores à “Legenda Maior” (1262) de São Boaventura fossem destruídos (LE GOFF, 2012).

Segundo Le Goff (2012), contrariando a ordem do Capítulo de Paris (1266), em 1768 os bolandistas⁹ resgataram escritos como “A Legenda dos Três Companheiros”, tornando-a, assim, uma das principais fontes de estudo dos franciscanos a partir do século XX.

A LTC¹⁰ narra os principais pontos que constam neste estudo (o encontro com o leproso, a cruz de São Damião, a opção pela pobreza e, finalmente, os estigmas em Francisco de Assis).

⁹ Grupo de estudiosos que se propuseram publicar as fontes biográficas dos santos.

¹⁰ LTC – Legenda dos Três Companheiros.

Apresenta também o divisor de águas em que Francisco foi para o modelo de Igreja e sociedade da sua época, contradizendo os fundamentos de uma sociedade hierarquizada e de uma Igreja desconfigurada no tocante aos ideais do Evangelho.

2.2 Proposta da reforma religiosa e social

A Idade Média é marcada pelo feudalismo, desenvolvimento do comércio e, conseqüentemente, do dinheiro. Diante dessa situação, os poderosos tinham tudo ao seu alcance e os pobres estavam a serviço dos seus senhores que lideravam a sociedade. “O desenvolvimento econômico contribuiu com a urbanização, com o crescimento das cidades, surge a industrialização, o mercado passa a disputar lugar com as catedrais, elas já não são mais os centros de encontro do povo” (LE GOFF, 2012, p. 24-26). Assim, o mercado passa a disputar poder com o bispo e com os senhores.

A Igreja encontrava-se em situações difíceis com o surgimento das heresias; as mais conhecidas são os Cátaros e os Valdenses. Elas se espalhavam rapidamente entre o povo, fazendo com que perdesse seu poder temporal, pois o povo já não se subjugava as leis impostas pela Igreja (BEZERRA, 2011).

Devido a constantes conflitos entre a Igreja e Império, pela disputa de poder, surgem vários movimentos com propostas de reforma religiosa e social. Essas propostas desejavam uma Igreja pobre a exemplo de Cristo e uma

sociedade na qual todos pudessem ser beneficiados pelos bens temporais.

Os movimentos citados, conhecidos como pauperistas, possuíam como objetivo combater a desigualdade social, assim como a riqueza e a opulência da Igreja Católica. A Inquisição foi o antídoto que a Igreja adotou contra tais movimentos, causando muitas mortes daqueles que discordavam do modo estabelecido de Igreja e Sociedade (BEZERRA, 2011).

Em meio a uma Igreja contaminada pelo poder e pelo dinheiro, avessa a Francisco, nasce uma nova proposta de sociedade e de Igreja em que o dinheiro e a riqueza não são soberanos. Por ser semelhante a outros movimentos já existentes, beirava a heresia. Porém Francisco propõe algo que é aceito por todos os seus contemporâneos: “a pobreza em face do dinheiro dos ricos” (LE GOFF, 2012, p. 37).

Essa perspectiva oferece novo sentido ao trabalho, não mais sendo fonte de riqueza e de escravização do homem, mas ressignificando-o como ideal de vida humilde, “a paz em vez das lutas intensas entre Perugia e Assis” (LE GOFF, 2012, p. 37).

Francisco propõe uma vida unida à Igreja ao invés de atacá-la; no lugar da hierarquia, propõe uma sociedade de irmãos na qual os pobres são acolhidos e cuidados. “Neste mundo marcado pela exclusão, exclusão de judeus, leprosos, hereges, homossexuais, onde impera os concílios, decretos, etc” (LE GOFF, 2012, p. 38), Francisco postula que a presença Divina se faça em todas as criaturas, em um mundo alegre,

como expressão do Deus que acredita. Seu desprezo pelo dinheiro e a riqueza o faz um ícone da pobreza e do despojamento.

Esses fatos encontram-se no conjunto de fragmentos denominado Legenda. Este documento está presente nas Fontes Franciscanas e Clarianas (2008). A narrativa é a forma literária e o protagonista principal é a figura de Francisco de Assis.

3. A LEGENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS

O conto segue uma sequência, partindo do nascimento de Francisco, seus sonhos e frustrações quando jovem, a conversão e mudança radical do projeto de vida, o nascimento do movimento franciscano, findando na sua morte e canonização pela Igreja Católica. Descreve-se Francisco antes da conversão como vaidoso, ambicioso pela nobreza e outro, após a conversão, antagônico, esposo da pobreza, que valoriza e dá atenção a estigmas que a sociedade da época rejeita.

Diz a Legenda dos Três Companheiros:

Depois que se tornou adulto e perspicaz de inteligência, exerceu o ofício do pai, isto é, o comércio, mas de maneira muito diferente, pois era mais alegre e liberal do que ele, aficionado aos divertimentos e aos cânticos, percorrendo a cidade de Assis de dia e de noite em companhia dos que eram iguais a ele, muito pródigo em gastar, a ponto de dissipar, em banquetes e outras coisas, tudo o que podia ter e lucrar. Por causa disso, muitas vezes era

repreendido pelos pais que lhe diziam que ele fazia tão grandes despesas consigo mesmo e com os outros que não parecia filho deles, mas de algum grande príncipe (TEIXEIRA, 2008, p. 790-791).

Francisco era o protótipo do jovem rico, ambicioso, preocupado com os *status* sociais, sem pertencer a nobreza, mas com costumes, vocabulário e vestimentas de nobre. Não media esforços para chegar ao nível mais alto da sociedade medieval.

Francisco encontrou na cavalaria o modo para pertencer a nobreza e, por isso, dedica-se a este ideal. O cavaleiro é um homem dotado de coragem, nobreza de costumes, de virtudes e de bons ensinamentos, símbolo de força e poder. Os cavaleiros matavam destemidamente seus inimigos, caçavam animais ferozes, eram homens intrépidos (COSTA, 2017). Além disso, eram grandes defensores da fé católica, homens respeitados pela sociedade, sinônimos de fidelidade e bravura. O que constituía um jovem cavaleiro não era tanto sua estrutura física para tal ofício, mas sim o ideal de nobreza, virtudes e o temor a Deus (MARRONI; OLIVEIRA, 2013).

Sobre a ligação de Francisco à cavalaria, o documento relata que ele se deparou com a frustração; quando participou da cruzada entre Perugia e Assis, acabou sendo preso. O desejo de ir para a guerra montado no cavalo, símbolo de poder, e voltar nobre é frustrado pela prisão. Ao invés da nobreza, da fama e da glória, encontra a morte, a tragédia, a derrota e a prisão.

Conforme Vázquez (1999), a tragédia na vida real, o acontecimento trágico não pode ser contemplado na perspectiva de uma sensação prazerosa. O trágico na vida real, experimentado por Francisco na guerra, não pode ser transformado em espetáculo; o trágico afeta a todos com compaixão, horror ou indignação. Dessa forma, entende-se que o impacto dessas vivências muda o foco do religioso, causando-lhe profunda mudança interior.

2.3 O encontro com o leproso

O leproso foi o movimento primeiro na mudança de vida de Francisco. De acordo com a Legenda dos Três Companheiros:

O que antes lhe parecia amargo, isto é ver e tocar em leproso, se lhe converteu em doçura. Como ele disse, a tal ponto lhe era amargo ver leproso que não somente não os queria ver, mas também nem se quer aproximar-se de suas habitações; e, se sucedia que de vez em quando ele passasse perto de suas casas ou os visse, embora por piedade se movesse a dar-lhes esmolas por pessoa intermediária, sempre virando o rosto, tapava o nariz com suas próprias mãos. (TEIXEIRA, 2008, p. 797).

Zechinatto (2016) aponta que no encontro com o leproso face a face, os olhos veem a figura horrenda, o nariz pode sentir o cheiro pútrido, os ouvidos podem ouvir o sino que alerta transeuntes. Suas mãos envolvem o corpo desprezível e, em um risco do tornar-se

um, beija-o. São Boaventura afirma que no corpo humano estão os traços da Divindade, que a harmonia de seus membros habitado por uma alma racional torna-o imagem e não mero vestígio de Deus (AFONSO, 2011).

O beijo do leproso revela o despojamento de Francisco como homem, aqui verdadeiramente o nu duela contra o nu. *Abre um campo de reflexão de si mesmo e não acaba em si, foi apenas um início. Acolhendo o trágico, como encontro com o diferente, ocorre a transformação necessária para sair da obscuridade do pré-conceito. O beijo apenas abriu uma porta de superação de si (ZECHINATTO, 2016).*

É possível perceber beleza no leproso, homem mutilado e em decomposição, porque Francisco compara-o com o Crucificado – que é o Deus encarnado, no Cântico-poema “Louvores ao Deus Altíssimo” (1224). Em seguida, vai categorizá-lo como “A Beleza” e o “Sumo-Bem”.

O leproso causava-lhe horror. Relata a Legenda que certo dia, quando cavalgava pelas montanhas de Assis, Francisco encontrou-se com um deles e não só olhou para o leproso, como desceu do cavalo, deu um pouco de moedas e beijou-o. Este é o início da mudança na vida de Francisco. Na contemplação do horrível, sentiu-se atraído por ele e, no momento de espontaneidade, Francisco beija a beleza do horrível.

Percebe-se em Francisco um rompimento com o padrão de beleza estabelecido em sua

época. A beleza que apreende do leproso é a mesma explicitada por Victor Hugo (1802-1885), em “O Corcunda de Notre-Dame” (1813). “O belo e o feio, mesmo que entendidos como opostos, conquistam seu espaço na arte” e atraem da mesma forma o sujeito que contempla (VÁZQUEZ, 1999, p. 223).

Independente da “relação entre beleza-fealdade onde a fealdade seja apenas aparente ou uma espécie de beleza inferior, relativa” (VÁZQUEZ, 1999, p. 224), considera-se que Francisco foi atraído por aquela beleza-horrível.

Por meio do olhar, Francisco se abre para o que Lévinas (1906-1995) dá o nome de Alteridade. “As complexas relações do homem, o *Eu* não se relaciona consigo mesmo, mas com diversos seres humanos, uma pluralidade. Ao se abrir para o *outro* de forma especial para o que o outro apresenta de diferente, de desigual” (GOMES, 2008, p.39). O outro tem de ser respeitado exatamente sem indiferença, descaso, repulsa ou exclusão. Francisco capta a beleza do leproso, deixa-se envolver por ela e encontra exatamente nesse Ser o sentido do seu Ser.

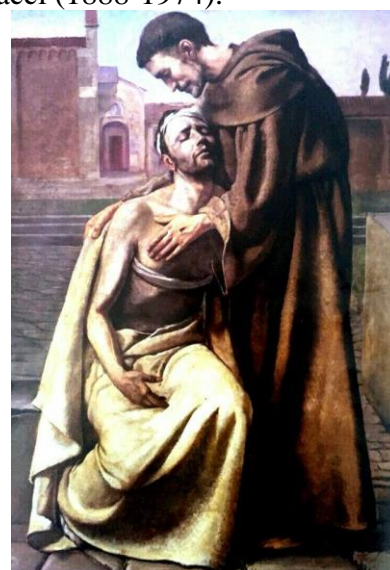
O leproso no medievo é vítima da maldição Divina, ou alguém que cometeu alguma falta moral. Por isso deve ser banido da sociedade. No gesto de tocar o leproso, Francisco encontra-se com seu Senhor. O leproso é representação estética do Cristo Crucificado. Francisco manifesta uma atitude estética por meio dos gestos, da vivência, muitas vezes mais significativos do que os discursos. Mediante o comportamento, ocorre a

transmissão de uma convicção. Nesse sentido, Francisco cria uma estética existencial (MERINO; FRESNEDA, 2005).

Francisco já havia se encontrado com os pobres, porém o leproso é portador de anomalia física e, nesse caso, ainda com pouco recurso. O beijo oferecido por Francisco torna-se símbolo do mais profundo despojamento de si mesmo e envolvimento com a beleza que nascia em meio ao horror.

A exemplo disso, a obra (figura 1) representada pelo pintor italiano Baccio Maria Bacci (1888-1974), expõe a relação de Francisco com os leproso

Figura 1: Pintura a óleo. “*Escena del beso del leproso*”. Bacci (1888-1974).



Fonte: Disponível em: <
<https://br.pinterest.com/pin/369435975661928954/>>.

A partir da relação com os leprosos, Francisco começava a entender que a honra e a nobreza não estão em servir aos reis e príncipes, mas em servir aos mais necessitados, em abrir mão de si para doar-se ao outro.

O leproso é a representação mais forte que a Legenda apresenta do feio. “No período medieval o feio existe na vida real e entra na arte para revelar que o belo é relativo, e insuficiente, já que só a beleza divina é plena, absoluta e eterna” (VÁZQUEZ, 1999, p. 219). O feio personificado no leproso recorda a transitoriedade do belo, associada ao pecado, à enfermidade, à senilidade e à morte. O feio na dimensão terrena recorda que a beleza verdadeira se revela no divino.

Unida ao acontecimento do leproso está a experiência mística de Francisco com a Cruz de São Damião. Esta torna-se elemento fundamental do processo de mudança de Francisco, é a luz que ilumina as trevas do seu coração, revelando os novos caminhos que precisam ser percorridos.

4. A Cruz de São Damião

A relação mística de Francisco com a Cruz de São Damião é decisiva no seu processo de mudança e conflito existencial. Após o conflituoso encontro com o leproso e sonhos perturbadores, em que uma voz lhe pergunta: “Francisco, quem pode ser-te mais útil? O servo ou o Senhor? Ele respondendo: O Senhor! De novo lhe diz: por que então deixas o Senhor pelo

servo? ” (TEIXEIRA, 2008, p. 793), Francisco passa a se perguntar “Senhor o que queres de mim?”. Ele encontra a resposta na Cruz de São Damião.

O ícone do século XII, não se sabe ao certo quem foi o artista. A pintura contém estilo romântico, possui traços que revelam claramente influência da arte oriental. O crucifixo original está sob a guarda das irmãs Clarissas no mosteiro de Santa Clara, cidade de Assis. Esse crucifixo tem dois metros e dez centímetros de altura e um metro e trinta centímetros de largura. A pintura foi feita em tela tosca, colada sobre madeira de nogueira. Provavelmente, o crucifixo permaneceu na Igreja de São Damião até que as Monjas Clarissas, em 1257, o levaram consigo à nova Basílica de Santa Clara (MAZZUCO, 2017).

Figura 2: **Cruz de São Damião**. Artista anônimo (s.d.)



Fonte: Disponível em:
<http://www.franciscanos.org.br/?page_id=3110>

Diferenciando-se dos outros estilos de Crucifixos, o Cristo é representado vivo, domina o quadro por sua dimensão e luminosidade. As cores vermelho e preto oferecem destaque à pessoa de Jesus, centro da imagem, e todos os outros personagens estão voltados para Jesus. Ao invés de coroado com espinhos, em sua cabeça há a aureola, coroa de glória simbolizando sua vitória sobre a morte.

Na estrutura superior da cruz, a ascensão é retratada no círculo vermelho. Cristo está saindo dele segurando uma cruz dourada, símbolo de realeza. As vestimentas são douradas, símbolo de majestade e vitória. A estola vermelha é um sinal de sua autoridade e dignidade supremas desempenhadas no amor. Anjos lhe dão boas-vindas no Reino dos Céus.

No semicírculo central, na extremidade mais alta da cruz, Deus Pai se revela pela mão direita de Deus, com o dedo estendido. Em torno da cruz, há ornamentos caligráficos que podem significar a videira mística: “Eu sou a videira, vós os ramos” (Jo 15, 5). Na base da cruz, existe algo que parece ser uma pedra, o símbolo da Igreja. As conchas do mar são símbolos de eternidade, que nos é revelado (LIMA, 2006).

Neste ícone está desenvolvido todo o mistério de Cristo: crucificação, ressurreição, e ascensão ao céu. Estão presentes todas as pessoas que assistiram à crucificação. Maria e João são colocados lado a lado junto à cruz. Pedro e João estão junto ao sepulcro vazio. Existe um galo também pintado neste ícone. A

sua inclusão recorda a negação de Pedro e, igualmente, anuncia o novo despertar do Cristo ressuscitado. À direita da cruz está o ladrão bom, de nome Dimas; à esquerda está o ladrão mau (LIMA, 2006).

Há também o centurião, a criança ao lado é o seu filho curado por Jesus e as três cabeças atrás do menino revelam a conversão de toda a família. Como também os anjos e as mulheres do sepulcro Maria de Cléofas e Maria Madalena, que era muito amiga de Jesus e foi a primeira testemunha da ressurreição. Aos pés de Cristo estão os santos protetores das igrejas de Assis. Estudiosos afirmam ser Damião, Rufino, Miguel, João Batista, Pedro e Paulo, Atrás de Cristo está o túmulo aberto. O vermelho do amor supera a escuridão da morte. (LIMA, 2006).

Relata a Legenda dos Três Companheiros:

Estando ele a andar nas proximidades da igreja de São Damião, foi-lhe dito em espírito que entrasse na mesma para a oração. Entrou nela e começou a rezar com fervor diante de uma imagem do Crucificado que piedosa e benignamente lhe falou, dizendo: “Francisco, não vês que minha casa está destruída? Vai, portanto, e restaura-a para mim”. Tremendo e admirando-se, ele diz: “Fá-lo-ei de boa vontade, senhor”. Ficou repleto de tanto júbilo e iluminado de tanta luz que na sua alma sentiu verdadeiramente que fora o Cristo Crucificado quem lhe falara. (TEIXEIRA, 2008, p. 799).

A experiência permeada de sublimidade, algo muito maior, que em um momento reduz as nossas forças a qualquer coisa insignificante em comparação ao seu poder, quanto mais terrível for o aspecto mais atraí (KIVY, 2008) é o ponto de partida para a nova forma de vida de Francisco, viver pobremente e de forma religiosa. Igreja e coração, encontram-se em ruínas. Enquanto se dedica em restaurar a igreja de pedras, seu coração é restaurado pelas experiências que vivencia.

Francisco entendendo a seu modo a missão que o Senhor lhe confiava, prontamente se coloca a realizar a incumbência. Decide mudar suas escolhas e modo de vida. A busca pela opulência e nobreza convertem-se em uma profunda procura pela liberdade da Pobreza.

4.1 A opção pela pobreza

Francisco, da opção social, deixa de ser filho de um rico comerciante, fazendo-se esmoler para restaurar a igreja de São Damião, sinal concreto de sua conversão. Pouco mais tarde o acontecimento representativo desta escolha, é seu despojamento diante do pai e da sociedade de Assis. Relata a Legenda dos Três companheiros:

Entrando em um quarto do bispo, despiu-se de todas as suas vestes e, colocando o dinheiro sobre elas, apresentou-se nu diante do bispo, do pai e de outros que estavam presentes e disse: “ouvi todos e compreendi. Até há pouco tempo, chamei a Pedro Bernardone de meu pai,

mas, porque propus servir a Deus, restituo-lhe o dinheiro, pelo qual ele estava perturbado, e todas as vestes que obtive de seus bens, querendo agora dizer: Pai nosso, que estais nos céus, não pai Pedro Bernardone”. Descobriu-se, então, que o homem de Deus tinha um cilício na carne debaixo das vestes coloridas. (TEIXEIRA. 2008, p. 804).

A dramática cena narrada é o momento profundo do despojamento de Francisco. Aqui ele nu se iguala ao Cristo nu e devolvendo ao pai seu nome torna-se excluído da cidade, sem família e sem direitos, passa a pertencer ao número daqueles que viviam fora da cidade os leprosos, os bandidos, assaltantes. Etc. Giotto di Bondone (1267-1337) representou a cena do despojamento, a pintura encontra-se na basílica de São Francisco, cidade de Assis.

Figura 3: Pintura a óleo. **Despojamento de Francisco.** Giotto di Bondone (1297-1299).



Fonte: Disponível em:

http://br.radiovaticana.va/news/2017/05/02/assis_pr%C3%B3xima_a_inaugura%C3%A7%C3%A3o_do_santu%C3%A1rio_do_despojamento/1309585.

A generosidade é categoria intimamente ligada a pobreza de Francisco, generosidade aqui significa abertura aos outros. Diferente do

homem do século XXI, Francisco tem uma visão positiva da pobreza, chega a chamá-la de forma apaixonante de A Dama Pobreza. Seria ela a sua esposa (GUIMÃRAES, 2017).

Francisco entendeu que a opulência e a ganancia são muros que limitam e afastam os outros. Enquanto a simplicidade e a pobreza constroem caminhos e pontes de relação e interdependência entre os seres humanos. A pobreza escolhida e propagada por Francisco é um lugar social de solidariedade. Francisco pedirá a seus seguidores não somente que visitem os pobres, mas que vivam entre eles, sirva-os e sejam submissos a todos, que se assemelhem aos pobres por seu modo de vida e por sua mentalidade de desapropriação (GUIMÃRAES, 2017).

Durante toda sua vida Francisco abraçou a causa dos pobres como sua própria causa e procurava a pobreza como alguém que procura um grande tesouro. Comparava-a como a “noiva mais nobre, a mais rica, e a mais bela esposa que jamais vistas” (TEIXEIRA, 2008, p. 755). Nesta época, em que a pobreza não era compreendida e nem aceita, o jovem Francisco buscava-a acima de todas as coisas e desejava morrer com ela. Na pobreza encontrava a liberdade.

Enaltecendo a fidelidade de Francisco a sua bela amada pobreza escreve Dante Alighieri:

“Todavia, por não parecer demasiadamente obscura, direi que Francisco e a Pobreza são os amantes aos quais continuarei a aludir. A sua íntima união, os semblantes regozijados, o seu amor, a admiração que produziam e os seus ternos

olhares, imprimiam santos pensamentos em todos os demais, tanto que o venerável Bernardo foi o primeiro em se descalçar para correr empós de tão grande ventura, e, correndo, julgava ter lento o passo. Ó desconhecida riqueza! Ó verdadeiro bem! Descalçaram-se depois, Egídio e Silvestre, e seguiram o esposo, que tanto os prendia a esposa, e com a família que cingia o humilde cordão. (DANTE: *Divina comédia, Paraíso*. 1417. Canto XI.)

A pobreza para Francisco é ornada de tão grande beleza, que atrai as pessoas para viver na companhia dela, desprende o homem de todas as coisas e o deixa livre para transcendência, em Deus fonte de gozo e beleza da existência. “*A existência humana é bela não somente quando se sente cheia da presença de Deus, mas também quando o homem se desprende livremente de pertencas paralisantes*” (MERINO; FRESNEDA, 2005, p. 470). A pobreza tornou-se regra de vida para todos os seus seguidores ao longo destes oito séculos após sua morte.

É uma proposta de sociedade solidaria e não possessiva sobre as pessoas e os bens naturais, revela ao homem que é irmão de toda criatura. Resgata no meio da Igreja Católica a pobreza vivida por Jesus, sua Mãe e seus apóstolos. Pobreza esta que havia sido completamente ignorada naquele momento histórico em que Francisco vivia.

A obra (figura 4) do pintor Italiano Giotto di Bondone (1266 - 1337) representa o desposar de Francisco com a Dama Pobreza.

Figura 4: Pintura a óleo. **Representação do casamento com a Dama Pobreza.** Giotto di Bondone (1297-1299).



Fonte: Disponível em: <
<http://www.franciscanos.org.br/?p=26656> >.

Queria igualar-se ao Cristo em sua pobreza e em todo o resto, viveu fielmente a seu Senhor e a sua amada pobreza, no final do seu itinerário de vida faz a mais sublime das experiências que o gênero humano pode experimentar. Recebe as marcas da crucificação do seu Senhor em sua própria carne.

4.2 Os estigmas em Francisco

No período medieval a escrita era veículo importante para a propagação de teorias teológicas e filosóficas. Ao analisar um documento desta época, deve-se dar devida importância para qual finalidade tal texto hagiográfico foi escrito, neste caso a Legenda dos Três Companheiros não é diferente, principalmente no capítulo que se trata dos estigmas o autor quer destacar que Francisco havia se tornado um *Alter Cristus*, ou seja, um Outro Cristo.

É importante ressaltar que Francisco não tinha consciência que este fenômeno aconteceria com ele. Não levando em conta a intencionalidade do autor em afirmar a santidade do seu mestre, mas focalizando no acontecimento presente na narrativa, diz a legenda que certo dia Francisco sentiu em seu coração que deveria buscar mais profundamente a presença do seu Senhor. Então decide afastar-se da cidade, se refugiar em uma gruta de nome Monte Alverne e lá começa um ritual permeado de solidão, contemplação e jejum. Através destas praticas é visitado pela presença do seu Senhor. No capítulo XVII da Legenda, descreve os três companheiros:

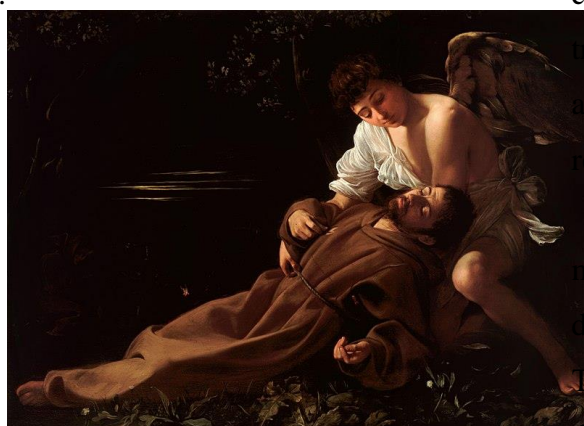
Numa manhã próxima da festa da Exaltação da Santa Cruz, quando rezava no lado do monte que se chama Alverne – a saber, dois anos antes de sua morte –, apareceu-lhe um Serafim que tinha seis asas e que trazia entre as asas a forma de um bellissimo homem crucificado que, na verdade, tinha as mãos e os pés estendidos em forma de cruz e manifestava de maneira muito clara a efigie do Senhor Jesus. Ao desaparecer esta visão, ficou em sua alma o admirável fogo do amor, mas em sua carne apareceu a impressão mais admirável dos estigmas do Senhor Jesus Cristo. (TEIXEIRA, 2008, p. 836).

Desde a conversão até este momento de sua vida, Francisco almejava seguir o modelo de Jesus, a impressão dos estigmas no corpo é símbolo de coroa de glória, representando a perfeição da personificação de Francisco na figura de Cristo. Quando contempla os

sofrimentos de Jesus, tem-se a visão do serafim com seis asas em forma de um homem crucificado e de uma luz tão brilhante como a luz do Crucificado em São Damião. Diante deste fenômeno, Francisco é roubado de si, tem uma visão de algo excelso, sumamente elevado. O Cristo iluminado da cruz de São Damião, agora, havia atingido Francisco com sua luz, iluminando as trevas do seu coração.

A obra (figura 5), de Michelangelo Merisi (Caravaggio) (1571-1610), “Êxtase de São Francisco de Assis” (1595) revela Francisco de Assis no momento que recebeu os estigmas, a pintura de Caravaggio é menos dramática que a cena relatada na Legenda dos Três Companheiros, não há presença de fogo, nem de sangue, apenas o anjo de aparência suave e Francisco desacordado em seus braços com as marcas da crucificação e as duas figuras iluminadas por um reflexo sublime.

Figura 5: Pintura a óleo. **São Francisco de Assis em êxtase**. Michelangelo Merisi Caravaggio (1595).



Fonte: Disponível em: <
<https://santhatela.com.br/caravaggio/caravaggio-sao-francisco-em-extase/>>.

Vázquez (1999) diz que a sublimidade provoca um sentimento de admiração ante um

poder que extrapola as limitações da existência normal, cotidiana. Relata a Legenda que Francisco ficou extasiado diante da visão, foi tomado por um fogo de amor ao ponto de tornar-se o que contemplava. “O objeto se torna tudo e o sujeito nada, o sujeito é devorado pelo objeto” (VÁZQUEZ, 1999. p. 232).

A última experiência mística de Francisco, antes de sua morte, é carregada de deleite. “Esse deleite se nutre ao mesmo tempo de prazer e dor, de uma espécie de horror delicioso” (VÁZQUEZ, 1999. p.235) experimenta em seu próprio corpo as marcas do seu Senhor uma das paixões mais fortes de todas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O documento medieval, “Legenda dos Três Companheiros”, teria como objetivo inicial orientar os seguidores de Francisco de Assis. Hoje afeta não apenas os franciscanos e católicos, mas todos os homens dispostos à transformação que leva ao despojamento, o objetivo que permeia todo o texto medieval ao revelar a vida de Francisco.

Assim como Francisco de Assis é um modelo de superação do egoísmo e progressão na humanização, a narrativa da “Legenda dos Três Companheiros” segue nessa mesma direção: em Francisco a estética da simplicidade, fonte de representações iconográficas.

O despojamento é a principal característica, a única riqueza essencial.

Francisco abraçou leproso, curando cicatrizes da exclusão. Reconstruiu a casa da existência. Da sua vida e obra, tem-se a beleza na relação do homem e natureza, que carrega em si as centelhas do Criador. A estética da existência, apresentada pelo homem Francisco supera o encantamento materializado nas catedrais e obras de artes sacra.

O que propõem os textos e a filosofia franciscana, é a exaltação do sujeito, no que tange contemplar a beleza do cotidiano, do ordinário da vida, permitindo ao homem um processo contínuo por meio de transformação.

Dessa forma, sem a intenção de esgotar as possíveis interpretações, da obra “Legenda dos Três Companheiros”, nesse estudo deu-se relevância, aos seguintes pontos destacados: o encontro com o leproso, a Cruz de São Damião, opção pela pobreza e os estigmas, uma proposta de vida em comunhão.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Filipa Maria Oliveira de Almeida. **Figuras da Luz: Uma Leitura Estética da Metafísica de São Boaventura**. 2011. 464 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Letras, Departamento de Filosofia, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2011.

BACCI, Baccio Maria. **Escena del beso del leproso**. 1888-1974. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/369435975661928954/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

BEZERRA, Francisco Renê Tomaz. **São Francisco: Amante da pobreza**. Fortaleza, CE. Premium, 2011.

BONDONE, Giotto di. **Despojamento de Francisco**. 1297-1299. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2017/05/02/assiss_próxima_a_inauguração_do_santuário_do_despojamento/1309585>. Acesso em: 20 out. 2017.

BONDONE, Giotto di. **Representação do casamento com a Dama Pobreza**. 1297-1299. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=26656>>. Acesso em: 20 out. 2017.

CARAVAGGIO, Michelangelo Merisi. **São Francisco de Assis em êxtase**. 1595. Disponível em: <<https://santhatela.com.br/caravaggio/caravaggio-o-sao-francisco-em-extase/>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CASTRO, José Acácio. S. Francisco, S. Boaventura e a estética franciscana. **Humanística e Teologia: Humanística e Teologia**, Lisboa, Portugal, v. 332, n. 123, p.347-358, fev. 2012. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19178/1/S._Francisco,_S._Boaventura_e_a_estética_franciscana.PDF>. Acesso em: 04 set. 2017.

COSTA, Ricardo da. **A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull**. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>>. Acesso em: 19 out. 2017.

CRUZ de São Damião. séc. XII. Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/?page_id=3110>. Acesso em: 20 out. 2017.

FELDER, Hilarino. **Os Ideais de S. Francisco de Assis**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda., 1953. Tradução de: Soares D'Azevedo.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tupykurumin, 2001. Editor: Jorge Zahar.

- LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2012. 251 p. Tradução de: Marcos de Castro.
- GOMES, Carla Silene Cardoso Lisbôa Bernardo. **Lévinas e o outro: a ética da alteridade como fundamento da justiça**. 2008. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Departamento de Direito, Puc-Rio, Rio de Janeiro, RJ, 2008.
- GUIMÃRAES, Almir Ribeiro. **Refletindo sobre a pobreza: Um certo Francisco de Assis**. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=26656>>. Acesso em: 04 set. 2017.
- KIVY, Peter (Org.). **Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte**. São Paulo: Paulus, 2008. Tradução de: Euclides Luiz Calloni.
- LIMA, Katia. **O Crucifixo de São Damião: Um ícone bizantino do século XII**. 2006. Disponível em: <<http://www.cantodapaz.com.br/blog/2006/11/12/48-o-crucifixo-de-sao-damiao-um-icone-bizantino-do-seculo-xii/>>. Acesso em: 24 ago. 2017.
- LLULL, Ramon. **O livro da Ordem de Cavalaria**. Trad. Ricardo da Costa. São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2010.
- MARRONI, Paula Carolina Teixeira; OLIVEIRA, Terezinha. **O livro da ordem de cavalaria, de Raimundo Lúlio: aproximações entre um olhar conservador e inovador**. In: jornada de estudos antigos e medievais. 12. 2013, Maringá. **Anais**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2013. p. 1 - 11. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2013/pdf/32.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2017.
- MAZZUCO, Vitório. **O Crucifixo de São Damião**. Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/?page_id=3110>. Acesso em: 01 set. 2017.
- MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez (Org.). **Manual de teologia franciscana**. Petrópolis, RJ: Vozes: FFB, 2005. Tradução: Celso Mário Teixeira.
- MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martínez (Org.). **Manual de filosofia franciscana**. Petrópolis, RJ: Vozes; FFB, 2006. Tradução: Celso Márcio Teixeira.
- TEIXEIRA, Frei Celso Márcio (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: FFB, 2008.
- URIBE, Fernando. **Pelos Caminhos de Francisco de Assis**. Petrópolis, RJ: FFB, 1997. Tradução: Ir. Edi Nicolao.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Convite à Estética**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1999. Tradução de: Gilson Baptista Soares.
- VISALLI, Angelita Marques. **O Crucifixo de São Damião: assim Cristo se manifesta a Francisco de Assis**. 2013. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand32/06angelita.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2017.
- ZECHINATTO, João Manoel. **Uma análise sobre o pré-conceito e o conceito a partir de São Francisco de Assis**. 2016. Disponível em: <<http://seminariofreigalvao.org.br/o-pre-conceito-e-o-conceito-a-partir-de-sao-francisco-de-assis.html>>. Acesso em: 03 ago. 2017.